A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES

VIVIANE SANTOS FORGE FREO

Resumo:

O estudo realizado busca esclarecer a importância da formação continuada do professor de artes. Por meio da revisão da literatura, foi possível discorrer acerca da trajetória da arte-educação no Brasil, evidenciar a importância da formação continuada do professor e exemplifcar metodologias utilizadas. A formação continuada do educador vem de encontro com a interação entre aluno e professor, bem como à construção de ambientes educativos, especifcamente no que se refere às artes plásticas. Partindo deste pressuposto, se faz necessário que as instituições de educação tenham uma proposta curricular que atenda as necessidades dos seus alunos, confgurando-se como um instrumento de apoio e ampliação do conhecimento. Conclui-se que a atuação prática dos professores, com materiais adequados e estudos específcos, faz a diferença do educar por meio da arte. Com isto, nessa perspectiva, a atenção à diversidade é indispensável, sendo que a educação, e principalmente a educação em artes, se constitui juntamente com o desenvolvimento dos alunos, que estão se estabelecendo como sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

Palavras-chave: Formação Docente; Artes Visuais; Práticas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca entender a importância da formação continuada do professor de artes e se propõe a pensar no papel da própria arte em si na vida dos educandos. Assim, busca-se discutir alguns padrões de comportamento dos professores, aliada às práticas e metodologias voltadas para intencionalidade.

A arte ajuda o educando a se desenvolver, aprender a conviver socialmente, arriscar-se a conhecer o novo, explorar sua criatividade, trabalhar sua sensibilidade e comunicação e conhecer o mundo à sua volta. Além disso, a arte pode ajudar a desenvolver habilidades psicomotoras e cognitivas, e ajuda na socialização dos alunos.

A estrutura deste artigo está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo “Contexto Histórico do Ensino de Artes no Brasil” brevemente destaca-se o signifcado da palavra arte e busca resumir um pouco da história da Arte-Educação, seu surgimento e caminho até os dias atuais.

O segundo capítulo “A Importância da Formação Continuada” expõe uma crítica aos moldes atuais, evidencia a capacitação do professor e a importância que as formações trazem para a sala de aula, renovando a sua prática e refetindo sobre sua ação educativa.

No último capítulo “Caminhos Metodológicos: Desafos e Possibilidades” busca-se apresentar caminhos metodológicos e propostas curriculares que envolvem os projetos.

Essas linguagens articulam saberes referente a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refetir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.

A expectativa é que este trabalho sirva de base para uma refexão sobre a Arte-Educação na vida do professor e especialmente responda: Qual a importância da formação continuada do professor de arte? Não apenas como uma forma de progressão, mas como atualização e capacitação em prol dos alunos.

2. DESENVOLVIMENTO

CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL

Para Sales (2018, p.19) “Desde a antiguidade os flósofos se debruçam sobre a análise e a tentativa de entendimento das artes, seja a relação destas com a questão do belo, voltadas para a discussão da Estética, seja a abordagem individual de cada uma delas.”.

O termo arte vem da palavra latina ars, que signifca "talento", "saber fazer". Segundo o Dicionário Dicio (2022) a Arte é um substantivo feminino que pode ser defnida como uma “Criatividade humana que, sem intenções práticas, representa as experiências individuais ou coletivas, por meio de uma interpretação ou impressão sensorial, emocional, afetiva, estética etc.”.

Para Aristóteles (apud SALES, 2018 p. 55) “a arte é aquele produto que se produz quando, de muitas observações da experiência, forma-se um juízo geral e único passível de ser referido a todos os casos semelhantes”.

No entanto, para Tomás de Aquino a arte possui divisões, no qual se mostra duas classes de conhecimento: natural e as coisas

das palavras. Sendo assim, ele considera dois tipos: as servis que são frutos de produções manuais e as liberais que são produções intelectuais.

São chamadas de artes porque implicam, não só conhecimento, mas certa obra que procede imediatamente da razão, como a construção de um silogismo, formar uma oração, enumerar, medir, compor melodias e calcular o curso dos astros. As demais ciências, na verdade, ou não implicam uma obra, mas apenas conhecimento, como a ciência divina e natural; portanto, não podem ter o nome de arte, pois a arte é denominada uma razão fabricadora, como se diz no livro VI da Metafísica; ou implicam uma obra corporal, como a medicina, a alquimia e outras semelhantes. Daí, não poderem ser chamadas de artes liberais porque tais atos pertencem ao ente humano pela parte pela qual não é livre, isto é, por parte do corpo. (AQUINO, apud SALES 2018 p.94)

No Brasil a iniciação da Arte-Educação sofreu diversas influências, no entanto, deu-se início na semana de arte moderna em 1922. Segundo Bacarin (2005) influenciadores como Dewey, Fran Cizek, Anita Malfati, contribuem para ideias de livres expressões, surgindo movimentos em classes de artes em São Paulo.

Bacarin (2005) explica que a Arte-Educação deu-se início fora do âmbito escolar com as metodologias iniciadas no Brasil por Augusto Rodrigues por intermédio da escolinha de arte do Brasil que iniciou as divulgações dessa metodologia.

Quando ela foi instituída, Augusto empenhou-se em seguir uma diretriz educacional criadora. Sentiu que naquele momento era novidade uma classe de arte para criança. Chamava atenção, mobilizava os interesses mais diversos, [...] Entendeu rápido que teria que difundir horizontalmente e que teria que passar a mensagem - porque era fundamental a importância daquela pequenina experiência, que nada tinha a ver com o sistema escolar da rede oficial. (AZEVEDO apud BACARIN 2005, p.110)

Assim, foram criadas salas experimentais em diversas escolas no Brasil com metodologias educacionais inspiradas no EAB e também em MEA. Segundo BACARIN (2005) Arte Educação chegou às escolas públicas em 1958, autorizado pelo governo federal e iniciado pelos governos estaduais do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia.

Em 1983 aconteceu o primeiro Encontro de Teóricos da Arte e Arte- Educadores. O encontro foi pautado em expressar descontentamentos existentes e abrir diálogos para suprir as questões em aberto. O conflito foi intensificado após o I Congresso Nacional de Arte-educação que gerou disputa entre remanescentes da EAB e os acadêmicos. A reivindicação tratou de solicitar maior seriedade na Arte- Educação, embasamento teórico, pesquisa e professores qualificados.

Os remanescentes da EAB defendiam a polivalência, a expressividade e a espontaneidade. Os adeptos desta posição eram os membros do Prodiarte (projeto do MEC de apoio à educação artística). Recebiam verbas federais mas não possuíam experiência em formação de professores e defendiam a preparação em dois anos do professor o qual deveria ser capaz de ministrar teatro, expressão corporal, artes plásticas, desenho e música. (BACARIN, 2005 p.114)

A arte-Educação como instrumento para a construção do conhecimento foi introduzido a partir do Manifesto de 1987, da Associação dos Arte-Educadores de São Paulo (AESP).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada em 20 de dezembro de 2017 e apresentada inicialmente pela Educação infantil por intermédio de etapas, essas, vivenciadas pelas crianças por campos de experiências, no entanto, a arte acentua-se no campo: Traços, sons, cores e formas. Sendo assim, essas experiências são oportunizadas pelos professores de acordo com o interesse das crianças.

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas. (BNCC, 2018 p.41)

Todavia, no ensino Fundamental temos as áreas do conhecimento e a Arte- Educação segue contemplada na área de linguagens.

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refetir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. (BNCC, 2018 p.193)

A BNCC é utilizada nos dias atuais e em todo território Nacional, serve como base e diretriz para todas as áreas do ensino infantil, fundamental e ensino médio.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Sabemos o quanto é importante uma boa formação e experiência em qualquer área a ser explorada, no entanto, não temos muita valorização no que se diz respeito ao professor qualifcado de artes. Aos poucos o professor com licenciatura em artes está cada vez mais escasso devido à falta de oportunidade e vagas reduzidas.

Imbernón (2010) explica que em grandes partes das formações há uma grande preocupação em formar o educador pesquisador com posicionamento crítico. Diante de qualquer leitura e estudos voltados a diferentes abordagens devem refetir e discutir o que está sendo informado. Enfatiza também a importância do planejamento do trabalho, estabelecendo metas, estratégias e não perder o foco dos objetivos.

Sendo assim, o planejamento para ele é entendido como instrumento orientador do trabalho docente, como norteador das intencionalidades dos professores e como possibilitador de proceder à ampliação e diversifcação dos repertórios culturais dos alunos.

Assim, será possível transmitir aos futuros cidadãos valores e modos de comportamento democráticos, igualitários respeitosos com as diversidades cultural e social, com o meio ambiente, etc. Assumir essas novas competências implica uma nova forma de exercer a profssão e de formar os professores nessa complexa sociedade do futuro; complexidade que aumentará por conta da mudança radical e vertiginosa das estruturas científcas, sociais e educacionais, que são as funções institucionais do sistema educacional. Finalmente, o futuro requererá professores e uma formação continuada muito diferente, pois o ensino, a educação e a sociedade que os envolvem serão também muito distintos. (IMBERNÓN, 2010 p.31).

A LDBEN foi um marco importante para o campo educacional, na ótica de alguns teóricos, pois instaurou um conjunto de reformas que vêm sendo implantadas e mobilizando vários setores educacionais, de modo mais específco, a formação docente dos profssionais da educação básica.

O que mais chama atenção, é que neste novo modelo de formação também é exigido que o educador tenha originalidade, habilidades para realizar atividades variadas, que mantenha relações cordiais, acolhedoras e estimulantes com os seus alunos.

Embora este trabalho seja o ideal a ser buscado, é difícil de ser atendido, no entanto, não pode ser um impedimento para que o educador não renove sua prática.

A formação continuada requer um clima de colaboração entre professores, sem grandes reticências ou resistências (não muda quem não quer mudar ou não se questiona aquilo que se pensa que já vai bem), uma organização minimamente estável nos cursos de formação de professores (respeito, liderança democrática, participação de todos os membros, entre outros), que dê apoio à formação, e a aceitação de uma contextualização e de uma diversidade entre os professores que implicam maneiras de pensar e agir diferentes. Tais exigências contribuem para que se consiga uma melhor aceitação das mudanças e uma maior inovação nas práticas. (IMBERNÓN, 2010 p.31).

No trabalho pedagógico o que é proposto pelo adulto e vivido pelos alunos deve levar em consideração as manifestações dos alunos, que é o seu tempo, suas necessidades e sua cultura.

Evidentemente, o professor deverá ter um bom conhecimento acerca da matéria que transmitirá e estar consciente de que, por mais que saiba, sempre haverá muito por aprender. Assim, o sábio é sempre um aprendiz. Não só não há contradição alguma nisso, como o ato de permanecer como aprendiz é importante para que continuemos a evoluir, condição basilar para mantermos o saber atualizado, notadamente numa época de rápidas transformações como a nossa. Desta forma o professor deve possibilitar ao aluno vínculos para a exploração do mundo, onde

tanto o adulto como o aluno encontre oportunidade de desenvolvimento. (GIKOVATE, 2001 p.79)

CAMINHOS METODOLÓGICOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Nos dias atuais a proposta curricular de algumas instituições busca trabalhar com projetos didáticos. Os projetos didáticos são temas geradores da cultura e do cotidiano que procuram informar, advertir, criar e alertar, além de trabalhar as emoções, a linguagem e o raciocínio lógico. Dentro desta proposta o professor planeja suas atividades por intermédio das brincadeiras, jogos, desenho, história, música, entre outros onde os alunos irão tecer redes de significações. Esses projetos são desenvolvidos mensalmente com a participação e avaliação das crianças.

O professor ensina por todos os meios: a forma como se apresenta aos alunos, a entonação de voz, o charme e carisma – e quem sabe o significado e conteúdo da palavra "carisma"? -, o senso de humor, o otimismo, a forma como gesticula, o jeito de escrever no quadro, o modo como chama a atenção dos seus alunos etc. (GIKOVATE, 2001 p.76)

Seria um agradável ambiente de aprendizagem para os alunos. Mas acontece que nem sempre os professores desempenham o papel de mediador do conhecimento. Isso pode acarretar em algumas armadilhas, pois o trabalho do professor vai depender de como concebe a aprendizagem e os espaços para as propostas.

Percebe-se que o direcionamento do trabalho do educador condiz com aquilo que ele carrega como "bagagem". Acredita-se que esta bagagem está relacionada com a sua trajetória de vida, ou seja, seus valores morais, ideologias, costumes, sua educação familiar, escolar, política, além das experiências de sua profissão.

Ensinar e educar são um ato que exercemos constantemente em nossas vidas. Todos sem exceção podem ensinar. A grande diferença é quando esta ação se torna uma profissão. Ser educador no contexto escolar é diferente de ser um educador por qualquer outro motivo. Não pode ser uma atividade eventual e mecânica, tem que ter intencionalidade. GIKOVATE (2001 p.79) ressalta que "O professor não deve fazer nada em nome de sua própria glória: ela sempre será indireta, decorrente do sucesso de seus alunos".

A relação com o aluno não pode ocorrer dentro de um disciplinamento centrado nas normas e regras ditas pelo professor. A postura do professor tem que atender as mudanças pedagógicas dos referenciais curriculares.

Conhecer os próprios limites, enfrentar os problemas e expô-lo aos demais colegas e á equipe pedagógica são requisitos capazes de auxiliar os professores a perceber e a ultrapassar algumas defasagens ainda existentes entre a sua prática e a proposta pedagógica que a norteia. (KRAMER, 1993, p. 85).

Para atender às diversas necessidades das crianças aos seus níveis de aprendizagem é importante atentar para o que sugere o Referencial Curricular.

Cabe ressaltar que, a formação do sujeito-criança e a sua compreensão em relação às diferentes áreas do conhecimento ficará sob responsabilidade de uma proposta pedagógica que alie uma concepção de criança como sujeito de direitos, cidadã, a qual é um ser que pensa, age, reflete e está situado em uma cultura, como também sob responsabilidade do educador que fará a mediação com o aluno do que se tenha planejado.

Da mesma forma, a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações dos gênios. Se levarmos em conta a presença da imaginação coletiva, que une todos os grãozinhos não raro insignificantes da criação individual, veremos que grande parte de tudo o que foi criado pela humanidade pertence exatamente ao trabalho criador anônimo e coletivo de inventores desconhecidos. (VIGOTSKI, 2009, p. 15-16)

3. CONCLUSÃO

Sabemos das dificuldades em escolas públicas e de comunidades com baixa renda, mas essas não devem ser desculpas para o professor renovar a sua prática, uma vez que, a área de artes abrange os produtos artísticos e culturais, compondo tempos históricos e diversos contextos sociais.

A escolha por esta temática se fez por perceber quão importante a formação continuada do professor de artes. Atualmente, os alunos ficam expostos, por longos períodos, à mídia digital de vários formatos, o que pode limitar o exercício da imaginação, da fantasia e da criatividade. Cabe ao professor mediar e trazer novidades interessantes e conquistar a atenção de seus alunos

Portanto, é importante oferecer vários recursos e oportunidades de explorar diversos meios, tomando-se por base, construir linguagens articuladas com os saberes referentes aos fenômenos artísticos, estimulando assim, as práticas artísticas por meio de práticas de criações, produções, técnicas, danças, saraus, músicas e teatro. O desenvolvimento integral fica evidenciado e é no fazer artístico que os alunos criam e se desenvolvem em artes.

REFERÊNCIAS

BACARIN, L. M. B. P. O movimento de arte-educação e o ensino de arte no Brasil: história e política. Maringá 2005.

BARBOSA, A. M. (Ed.). Ensino da arte: memória e história. Editora Perspectiva SA. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

GIKOVATE, Flávio. A arte de Educar. Summus Editorial, 2001.

IMBERNÓN, Francisco. Formação continuada de professores. Artmed Editora, 2010.

KRAMER, Sônia. Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a Educação Infantil. São Paulo: Ática, 1993.

SALES, E. D. O. Arquitetura e poesia no sistema das Artes, 2018.

VYGOTSKI, L. S. Imaginação e Criação na Infância. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

https://www.dicio.com.br/arte/